

**EXPLORANDO CONHECIMENTOS E PRÁTICAS PSICOLÓGICAS
NOS ARQUIVOS DE NEURO-PSIQUIATRIA (1943-1949)**

**Exploring Psychological Knowledges and Practices in the *Arquivos de Neuro-
Psiquiatria* (1943-1949)**

**Explorando Conocimientos y Prácticas Psicológicas en los *Arquivos de Neuro-
Psiquiatria* (1943-1949)**

Marciana Vieira de Souza Xavier - Universidade Católica Dom Bosco
Rodrigo Lopes Miranda - Universidade Católica Dom Bosco

Marciana Vieira de Souza Xavier
Graduada em psicologia e mestranda pela UCDB

Dr. Rodrigo Lopes Miranda
Professor, Programa de Pós-graduação em Psicologia
Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande – MS – Brasil

Correspondência
Rodrigo Lopes Miranda
dingoh@gmail.com

Resumo

Estudos sobre a história da profissão e da formação do psicólogo sugerem embates entre médicos e aqueles que praticavam psicologia, quando da regulamentação da profissão, no Brasil. Um dos embates estava relacionado à atuação do psicólogo como profissional independente, na área clínica, já que os médicos entendiam que esse campo de atuação pertencia à medicina. Neste cenário, este artigo objetiva descrever e analisar conhecimentos e práticas psicológicas produzidas pela comunidade médica, em período anterior às primeiras discussões sistemáticas sobre a regulamentação da psicologia. Assim, analisaram-se artigos publicados nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, de 1943 a 1949. Os resultados sugerem que, na circulação de práticas e conhecimentos psicológicos, na comunidade médica, houve prevalência de discursos e métodos psicanalíticos. Isto pode indicar que os embates em torno da profissionalização da psicologia ocorreram entre médicos psicanalistas e aqueles que produziam outras intervenções clínicas, em Psicologia.

Palavras-chave: história da psicologia; história da medicina; história da psiquiatria.

Abstract

Research on the history of the training and professionalization of psychology suggest controversies between those who practice Psychology and physicians, during the decades of legalization of it in Brazil. Considering that physicians understood Clinical Psychology as their setting, one of the clashes was related to a psychological performance as an independent professional in the clinical setting. Therefore, this article aims to describe and analyze psychological knowledges and practices produced by the medical community in a period just before the first debates on the legislation of psychology, in the country. For this purpose, we analyzed articles published in the *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* from 1943 to 1949. Our results suggest that in the circulation of practices and psychological knowledge in the medical community, there was a prevalence of psychoanalytic discourses and methods. This might indicate that the clashes surrounding the professionalization of psychology occurred between physician-psychoanalysts and those who produced other clinical interventions in psychology.

Keywords: history of psychology; history of medicine; history of psychiatry.

Resumen

Investigaciones sobre la historia de la formación y de la profesionalización de la psicología sugieren que existieron controversias entre aquellos que ejercían la psicología y los médicos durante las décadas de la legalización del ejercicio profesional en Brasil a través de la Ley N° 4.119. Considerando que los médicos entendían que la psicología clínica era su marco de ejercicio, uno de los choques se refirió al ejercicio de la psicología en contextos clínicos. Por lo tanto, este artículo pretende describir y analizar los conocimientos y prácticas psicológicas producidas por la comunidad médica en el período inmediatamente anterior a los primeros debates sobre la legislación de la psicología en el país. Para este propósito, analizamos los artículos publicados en los Arquivos de Neuro-Psiquiatria entre 1943 y 1949. Nuestros resultados sugieren que en la circulación de prácticas y conocimientos psicológicos en la comunidad médica existía una prevalencia de discursos y métodos psicanalíticos. Esto podría indicar que los choques en torno a la profesionalización de la psicología ocurrieron entre psicoanalistas-médicos por un lado, y aquellos que producían otras intervenciones clínicas en psicología, por otro lado.

Palabras-clave: historia de la psicología; historia de la medicina; historia de la psiquiatria.

Em 27 de agosto de 1962, foi regulamentada a formação e o exercício profissional do psicólogo, no Brasil, com a publicação da Lei nº 4.119 (1962). Durante o processo de tramitação da Lei, que durou, aproximadamente, uma década, houve embates entre aqueles que exerciam a psicologia e profissionais de outras áreas, dentre eles, médicos (Baptista, 2010; Mota, Castro & Miranda, 2016; Rudá, Coutinho & Almeida-Filho, 2015). Esses profissionais se mostravam contrários quanto a determinadas atividades desempenhadas pelos psicólogos. Cite-se, como exemplo, a atuação do psicólogo como profissional independente, na área clínica. O entendimento desses profissionais baseava-se na premissa de que tal campo de atuação se subordinava à profissão médica, sendo o psicólogo seu assistente técnico. Como resultado de tal processo foi atribuído, no texto da referida Lei, como função privativa do psicólogo, o emprego de métodos e técnicas psicológicas para o diagnóstico psicológico e a solução de problemas de ajustamento. Esse último termo foi usado em substituição ao de “psicoterapia” (Jacó-Vilela, 2011).

Estudar aspectos presentes, neste contexto, permite compreender certas condições do passado, que estabeleceram funções específicas para o profissional da psicologia e que, ainda hoje, regulam a formação e a atuação dos psicólogos brasileiros. Um dos aspectos que pode ser estudado, naquele cenário, é a forma como determinados grupos, especificamente médicos e psicólogos, organizavam, de maneira sistemática, suas práticas e conhecimentos. Com o intuito de compreender estes grupos, bem como as ideias produzidas por eles, recorreu-se ao uso de conceitos de “coletivos de pensamento” e “estilos de pensamento”. Um coletivo de pensamento é um conjunto de pessoas que se influenciam, mutuamente, durante o desenvolvimento de certa área de pensamento. Tal desenvolvimento implica na produção e circulação de certo estilo específico de pensamento, i.e., conceitos, teorias, instrumentos,

entre outros (Fleck, 1979/2010). Diante disso, são consideradas a medicina e a psicologia como dois coletivos de pensamento, cada um com diferentes estilos de pensamento, que disputavam sobre determinadas técnicas, objetos, instrumentos, etc., de maneira a conformar certo espaço social para a sua prática.

Este artigo, assim, objetiva compreender conhecimentos e práticas psicológicas produzidas pela comunidade médica, em um período, no qual ocorriam controvérsias quanto ao campo de atuação e práticas terapêuticas, entre médicos e psicólogos. O recorte temporal antecede às primeiras discussões sobre a regulamentação da profissão de psicólogo, no país, no início da década de 1960. A escolha do periódico justifica-se por ser um dos primeiros, na área médica, vinculados à neurologia e à psiquiatria, no país, por se achar disponível na forma digital e estar em circulação, desde 1943. Para tanto, foram descritas e analisadas características da produção que circulou, no Brasil, entre o período de 1943 a 1949, nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria. Foram utilizadas estratégias de História Quantitativa (Massimi, Campos & Brožek, 2008), Sociobibliometria (Klappenbach, 2009) e História Digital (Green, 2016).

Contexto Social, Psicologia e Medicina no Brasil (1930-1940)

Em 1937, foi implantado o Estado Novo, no país. O Estado, com poder centralizador, suprimiu os movimentos das classes populares e formou uma aliança com a classe burguesa, que dominava segmentos econômicos do país. Os processos de industrialização e urbanização foram intensificados devido a interesses mútuos, o que fez gerar, posteriormente, uma preocupação com a organização social, no país (Fausto, 2015). Essa preocupação com o organismo social era decorrente do interesse da classe burguesa em disciplinar e controlar a população, principalmente nos centros urbanos, de maneira a acelerar o processo brasileiro

de modernização. Dentro do projeto de intervenção social da época, a medicina foi um dos instrumentos de controle e de higienização urbana. Com isso, as Faculdades de Medicina, os hospícios a elas vinculados e os fenômenos psicológicos (e.g., comportamentos, psicopatologias) foram convocados como ferramenta de intervenção social (Antunes, 2012).

A partir da década de 1940, fortaleceu-se a institucionalização da psicologia, distanciando-se, cada vez mais, do autodidatismo presente nas décadas anteriores. Esse processo de institucionalização também contribuiu para discussões formais a respeito da profissão de psicólogo, uma vez que sua disciplina começou a se mostrar, cada vez mais, um saber especializado (Pereira & Pereira Neto, 2003). No final dessa década, o psicólogo estava no campo da seleção e da orientação profissional, trabalhando em clínicas infanto-juvenis, em associações de psicologia e na criação dos primeiros periódicos, sinalizando o início de uma psicologia institucionalizada (Jacó-Vilela, 2012). Assim, como a criação de associações e dos primeiros periódicos, outra contribuição para esse processo de institucionalização foi o surgimento dos primeiros cursos de especialização, na área.

Ainda que a psicologia tenha se mostrado um campo de saber especializado, para a medicina, esse saber era auxiliar à prática médica. Um exemplo disso pode ser encontrado nas teses apresentadas como conclusão de curso, nas Faculdades de Medicina (Massimi, 1993; Rocha, Tranquilli & Lepikson, 2004). A aproximação com a medicina aconteceria, principalmente, na área que procurava cuidar de distúrbios e rupturas do funcionamento psíquico “esperado”, a psiquiatria. No entanto, as contribuições da psicologia foram saudadas por todas as especialidades médicas (Lhullier & Massimi, 2007).

Neurologia e Psiquiatria Brasileira: Os Arquivos de Neuro-Psiquiatria

Para a medicina brasileira, a década de 1940 foi um momento de produção e divulgação de conhecimentos vindos da psiquiatria. Esse movimento era realizado por profissionais médicos, a partir da participação em eventos nacionais e viagens para fora do país, onde encontravam novas técnicas e terapêuticas para o tratamento do adoecimento mental. Tal fato parece indicar que havia, no país, em períodos anteriores, certa carência de meios de divulgação para assuntos relacionados à psiquiatria (Carvalho, Matias & Marcondes, 2017; Facchinetti & Munõz, 2013). Nesse cenário, os Arquivos de Neuro-Psiquiatria surgiram como um veículo de comunicação para a comunidade médica (Spina-França, 2002), visto haver, à época, a necessidade de uma revista especializada no campo da neuropatologia que atendesse a produção de dois serviços de clínica neurológica escolares de São Paulo: o da Universidade de São Paulo (USP) e o da Escola Paulista de Medicina (Tolosa & Longo, 1943).

Parecia existir, então, um retardo na publicação de estudos em revistas especializadas, fato que poderia impactar negativamente o serviço das duas clínicas neurológicas de São Paulo, o da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e o da Escola Paulista de Medicina (EPM). Tal insatisfação relatada parece ter sido sanada com a criação de um novo periódico. Os Arquivos de Neuro-Psiquiatria, foram criados por Adherbal Tolosa (FMUSP) e Paulino Watt Longo (EPM), com o objetivo de publicar os trabalhos científicos produzidos nas clínicas neurológicas das duas instituições (Spina-França, 2002). Além da aparente carência de veículos especializados em Psiquiatria para circular a produção daquele coletivo, parece que havia outra motivação, para Adherbal Tolosa e Paulino Longo, no intuito da criação do periódico: o falecimento de Enjolras Vampré, de quem eram discípulos. Essa

seria uma forma de homenagear seu legado. Após a sua morte, seus discípulos passaram a ocupar posições de destaque, dentro da comunidade de neurologistas. Adherbal Tolosa assumiu a direção da cátedra do Serviço de Neurologia da FMUSP e Paulino Longo, a Cátedra de Neurologia da EPM (Vampré, 1943). Vampré parecia ser, à época, um neurologista e catedrático reconhecido, no cenário brasileiro (ver *Correio Paulistano*, 1938, p.3).

Assim, em 1943, nasciam os Arquivos de Neuro-Psiquiatria que vêm mantendo suas publicações de forma ininterrupta, desde então. A partir de 1970, tornaram-se revista oficial da Academia Brasileira de Neurologia (ABNEURO), a qual, ao mesmo tempo, passou a estar vinculada à Federação Mundial de Neurologia.

Acessando os Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1949)

Não foram encontrados índice remissivo, bem como qualquer outra forma de categorização das publicações existentes nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, para o período estudado (1943-1949). Assim, para o acesso a potenciais estilos de pensamento que circularam naquele coletivo, foram utilizados alguns critérios de inclusão para a seleção das fontes. Primeiramente, deveria haver, em alguma palavra do título, o prefixo “Psi”. Respeitando esse primeiro critério, foram selecionados 38 títulos. Em segundo lugar, o texto deveria ser um artigo original, já que havia outras possibilidades de manuscritos, e.g., resenhas, notas de congresso, entre outros. Como não havia uma categorização que definisse, claramente, quais textos constituíam artigos originais, pesquisou-se, dentro deles, informações que indicassem tratar-se da estrutura de um artigo, e.g. referências bibliográficas. Dessa forma, foram selecionados, após este critério, 12 títulos que tiveram seus conteúdos lidos, na íntegra (Tabela 1). Não foi feita leitura de resumos e palavras-chave

como critério adicional, porque tais elementos não constavam nos textos publicados pelo referido periódico. Vale lembrar que todos os textos publicados, no período pesquisado, estão disponíveis digitalmente, de forma gratuita, no sítio eletrônico da revista.

Tabela 1 – Artigos Seleccionados e Analisados Advindos dos Arquivos de Neuro -Psiquiatria (1943-1949)

Título
Encefalite psicótica aguda no decurso de infecção dentofocal
O fator psicológico na asma brônquica
Sobre a psicogênese do "mal de engasgo"
Tratamento fármaco-dinâmico das psiconeuroses
Contribuição psicanalítica ao problema do tratamento cirúrgico da hipertensão arterial
Reações exopsicógenas: Reações psicógenas em terreno alterado
Psicogênese e determinação pericial da periculosidade
Psicoses tóxicas consequentes a administração de quinacrina
O líquido cefalorraqueano nas encefalites psicóticas azotêmicas agudas (Marchand)
Leucotomia pré-frontal em esquizofrênicos, epiléticos e psicopatas. Observações sobre 76 casos operados
Sobre as contribuições da psicanálise para a educação e profilaxia mental
Psicoses de involução. Estudo clínico de 50 casos, com vistas ao prognóstico e terapêutic

Após a leitura do material, iniciou-se o processo de análise e interpretação do material que se pautou em responder a três perguntas principais: Quem publicava nos Arquivos de

Neuro-Psiquiatria? Quais as características de estilos de pensamento que vemos no periódico? Quais referências intelectuais ali circularam? (Ver Tabela 1).

Identificando estilos e coletivos de pensamento

Quem publicava no periódico?

Com base nas fontes selecionadas ($n = 12$), 18 autores – cuja maioria era do gênero masculino ($n = 17$) - circularam suas produções. Por meio da pesquisa de suas biografias, em fontes disponíveis digitalmente, e.g., o próprio Arquivos de Neuro-Psiquiatria, verificou-se que todos eram formados em Medicina, independentemente do gênero. Esse indicativo refletia a realidade social do Brasil, à época. A comunidade médica, na década de 1940, parecia ser, em sua maioria, composta pelo gênero masculino, sendo menos de 10% do número de médicos do gênero feminino, no país. O crescimento do acesso das mulheres ao Ensino Superior só ocorreu a partir do final dos anos 1930, embora ainda de forma acanhada, somente tomando impulso apenas nas décadas seguintes (Machado,1997)

Dos 12 títulos selecionados, percebe-se que a maioria ($n = 8$) era de autoria singular. Nesses títulos, assinaram: Darcy Mendonça Uchoa, Durval Marcondes, Eduardo Krapf, Heitor Carrilho, Iracy Doyle, Ladislav Joseph Meduna, Napoleão Lyrio Teixeira e Nelson Pires. Nos outros quatro, os títulos tiveram padrão de coautoria. Houve três títulos assinados por dois autores: Paulino Watt Longo com Joy Arruda, Francisco Tancredi com Aloysio Mattos Pimenta e João Baptista dos Reis com Orestes Barini. Por fim, um título foi assinado por quatro autores: Nelson Pires, Rubim de Pinho, George Alakija e Gabriel Nery. Do total de autores, apenas Nelson Pires teve mais de uma publicação ($n = 2$), assinando como primeiro autor em ambas. Assim, foi observado que, de maneira geral, o padrão de escrita sugere mais autores individuais e não parece haver centralização de publicação em alguns

poucos nomes. Esse mesmo padrão de autoria também emergia no material publicado em periódicos brasileiros de psicologia, em época similar (Mota et al., 2016; Mota & Miranda, 2017). Isso pode indicar tanto um padrão geral da escrita científica, à época, bem como sugerir certa característica daqueles atores e coletivos envolvidos com práticas e conhecimentos psicológicos, no Brasil.

As informações presentes na Tabela 2 mostram as instituições dos autores, sugerindo alguns elementos. A princípio, nota-se a pouca participação de instituições estrangeiras, dentre as fontes selecionadas ($n = 2$). Destaca-se, aqui, a publicação de autores estrangeiros ligados às instituições dos Estados Unidos da América (EUA) e da Argentina, respectivamente, Ladislav Joseph Meduna (Universidade Loyola, Chicago - EUA) e Edward Krapf (Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires – Argentina). Todavia, esse último se tornou um vetor influente na psicologia latino-americana, e.g., em 1951, Krapf ajudou a criar a Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP) (Maluf, 2012). Na sequência, percebe-se que, dos títulos em coautoria, cada conjunto de autores e coautores estava ligado à mesma instituição, (a) Francisco Tancredi e Aloysio Mattos Pimenta eram médicos do Hospital do Juqueri; (b) Paulino Watt Longo e Joy Arruda, eram médicos do serviço de Neuro- -Psiquiatria do Instituto Paulista; (c) Joao Baptista dos Reis, Orestes Barini e Nelson Pires eram assistentes de neurologia, na EPM e (d) Alvaro Rubim de Pinho, George Alakija e Gabriel Nery eram psiquiatras do Sanatório Bahia.

Tabela 2 – Vinculação Institucional dos Autores dos Artigos Selecionados nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1949)

Instituição	Frequência	País	UF	(%)
Sanatório Bahia	5	Brasil	BA	27,78
EPM	3	Brasil	SP	16,66
FMUSP	2	Brasil	SP	11,10
Hospital Juqueri	2	Brasil	SP	11,10
Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil	1	Brasil	RJ	5,56
Universidade do Paraná	1	Brasil	PR	5,56
Faculdade Fluminense de Medicina	1	Brasil	RJ	5,56
Instituto Paulista	1	Brasil	SP	5,56
Universidade de Buenos Aires	1	Argentina	Estrangeiro	5,56
Universidade de Illinois	1	EUA	Estrangeiro	5,56
TOTAL	18			100,00

Ainda referente à Tabela 2, dentre as dez vinculações indicadas nas fontes, daquelas sediadas no Brasil ($n = 8$), houve maior número na região Sudeste ($n=6$) e, desses, houve maioria paulista ($n = 4$). Todavia, a maior frequência de publicações ficou a cargo do Sanatório Bahia ($n = 5$), seguido, então, por três instituições de São Paulo: a EPM ($n = 3$), a FMUSP e o Hospital de Juqueri ($n = 2$). A presença marcante da Bahia poderia ter relação com a história da medicina e, particularmente, com a produção relacionada a práticas e conhecimentos psicológicos, na região (ver Antunes, 2014; Massimi, 1994). No que tange,

especificamente, ao Sanatório Bahia, vale lembrar sua relação com figuras que, historicamente, tornaram-se importantes na psiquiatria brasileira, tais como Nelson Pires, Álvaro Rubim de Pinho, George Alakija e Gabriel Cedraz Nery (Piccinini, 2004). No caso da forte presença paulista ($n = 8$), pode haver relação com o próprio movimento de criação dos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, especialmente se consideradas as duas das instituições mais frequentes (EPM e FMUSP) eram as responsáveis pela editoração do periódico.

Sobre o que eles falavam?

Foi realizada a análise dos conteúdos dos textos selecionados (ver Tabela 1), buscando identificar características, daquele estilo de pensamento, relacionadas a práticas e conhecimentos psicológicos, dentro da comunidade médica que ali circulava. A análise do conteúdo destes textos sugere que os conhecimentos psicológicos estavam relacionados ao estabelecimento de explicações da etiologia de certas patologias, desde o “mal do engasgo” até quadros psicóticos, passando pela asma brônquica. Desse modo, surgiam os “fatores emocionais”, as “descargas emocionais”, o “conflito emotivo” e as “tensões afetivas”, como explicações. Tais conhecimentos levavam, também, a práticas de intervenção ligadas à psicologia, especialmente à psicanálise. A exemplo, Marcondes (1947), procurando discorrer sobre o “mal do engasgo”, assinalou:

“Este trabalho tinha por objetivo chamar a atenção para o lado psicológico da etiología do cardiospasma, assunto até agora não abordado nos meios científicos brasileiros ... estou convencido de que o cardiospasma ou "mal de engasgo", como vulgarmente é chamado entre nós, é um distúrbio funcional condicionado psiquicamente, cujas conseqüências orgânicas se tornam irreversíveis depois de certo tempo” (p.125).

O “mal do engasgo” foi uma afecção de interesse da medicina brasileira, desde o século XIX. No início do século XX, esteve intimamente relacionada ao estudo de doenças endêmicas, e.g., a Doença de Chagas (Rezende, 2009). A sintomatologia era, *grosso modo*, a dificuldade de deglutição, mas a etiologia era causa de intenso debate. Inclusive, Vampré, mentor dos criadores dos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, havia estudado tal afecção a partir de uma hipótese orgânica, com a utilização do raio-X (Vampré, 1919). Assim, em explicações como a de Marcondes, notou-se um interesse por fatores psicológicos, de maneira a conhecer e definir a etiologia de certas patologias, bem como a terapêutica a ser empregada.

Abordagem similar àquela de Marcondes, i.e., relacionar fatores psicológicos que predisporiam o desenvolvimento de determinadas patologias, também foi feita por outros autores. Doyle (1946), por exemplo, considerou que:

“No ponto de vista psicológico, a predisposição [a asma] seria explicada por um estado de desequilíbrio emocional, seja constitucional, seja, o que parece mais certo, adquirido, em consequência de conflitos mais ou menos precoces, vividos pelo indivíduo” (p. 243).

Pires (1947) e Pires, Pinho, Alakija e Nery, (1949), por sua vez, relataram a aplicação de métodos psicológicos de base psicanalítica no tratamento das doenças diagnosticadas como psicoses de involução, identificadas como grupo de doenças mentais de causas heterogêneas, que reuniam diferentes quadros clínicos, à época. Esses métodos psicológicos eram aplicados em associação a um tratamento químico, com Cardiazol e Insulina. Os medicamentos, após sua aplicação, provocavam convulsões nos pacientes, com o intuito de cessar os sinais e os sintomas gerados pelas psicoses de involução. Os métodos psicológicos

serviam como método auxiliar quando se observava a presença de alguns sinais e sintomas, após a terapêutica medicamentosa.

Neste cenário, em que conhecimentos e práticas psicológicas apareciam como forma de diagnosticar e estabelecer diretrizes terapêuticas para certas doenças, a Psicanálise e seus métodos apareciam em destaque. Ela aparecia como um método historicamente vinculado à medicina. Nas palavras de Uchoa (1949):

“Como é sabido, nasceu a psicanálise no campo essencialmente médico: método de investigação e tratamento de certas doenças nervosas. Ulteriormente, ela deslocou e ampliou gradativamente sua esfera de interesse dentro e fora da medicina, tornando-se a "ciência do inconsciente psíquico” (p. 165)

No seio de tal produção médica, vinculada à psicanálise, Pires et al. (1949) relataram que:

“Os psicanalistas mostraram que, na fisionomia sintomática dum [*sic*] quadro psicopatológico, muita coisa não é própria “daquela” entidade clínica e sim de conflitos, fixações, resistência, complexos e recalcamientos, coisas que, sendo absolutamente individuais e também reversíveis, não pertencem propriamente ao quadro clínico geral e sim ao individual” (p. 181).

Krapf (1947) foi ainda mais explícito, ao abordar o tratamento cirúrgico da hipertensão arterial:

“ante tais fatos, não se deve suspeitar que a simpatectomia tenha efeito apenas sobre um fator secundário da estrutura etiopatogênica total e que os fatores centrais, em grande parte, psíquicos, sejam, muitas vezes, capazes de sobrepor-se à intervenção cirúrgica na periferia, quer desde o princípio, quer ao cabo de certo período de

reajuste? Parece-me que o problema é digno de atenção, e estou convencido de que, com a ajuda do método psicanalítico, pode ser, em grande parte, esclarecido” (p. 251).

Esse cenário, em que a psicanálise compunha o estilo de pensamento daquele coletivo, pode se referir ao movimento de sua apropriação, no Brasil, desde o final do século XIX, quando a classe médica discutia muitas questões que eram consideradas “de risco” para a organização da sociedade, e. g., a histeria. Tal conceito ocupou papel de destaque nesse momento, devido à crença dos médicos de que a frágil estrutura física e mental das mulheres as predispunha ao desenvolvimento do quadro histérico, o que contribuiria, ainda mais, para a degeneração da população brasileira (Fachinetti & Muñoz, 2013). Desse modo, a psiquiatria brasileira incorporava concepções da psicanálise que, inclusive, fomentaram a criação de sociedades. As Sociedades Brasileiras de Psicanálise foram fundadas, em 1927, na cidade de São Paulo, por Durval Marcondes e, em 1929, na cidade do Rio de Janeiro, por Juliano Moreira (Russo, 2006).

O que eles liam?

O entendimento do que os autores liam buscou identificar características intelectuais presentes entre aqueles atores, i.e., a existência de interesses, bases de conhecimentos e percepções compartilhadas que auxiliassem a identificar, não apenas tais características, mas se elas sugeriam o estabelecimento de certo coletivo de pensamento. Dos 12 textos analisados, todos apresentaram referências bibliográficas e, nesse cenário, catalogaram-se 161 referências. Do total de referências, dois pontos chamam a atenção. Inicialmente, a articulação em torno de certos materiais, o que pode sugerir relações intelectuais que os levavam a entender os problemas de maneira semelhante. Apesar de não ser possível traçar

uma relação interpessoal entre os autores, uma vez que as fontes utilizadas dizem de referências por eles citadas, constatamos certa aproximação intelectual entre Iracy Doyle, Durval Marcondes e Eduardo Krapf, novamente em torno de elementos da psicanálise. Ao acessar os trabalhos publicados por eles, nas fontes, foi possível verificar citações em comum de obras dos autores Eduardo Weiss, Franz Alexander e Helen Dunbar. Assim, notou-se certa articulação em torno de certo interesse em psicanálise, especialmente no que se refere a elementos da psicossomática. Em prosseguimento, percebe-se uma multiplicidade de idiomas, o que pode sugerir uma pluralidade de influências intelectuais sobre tal produção, no país. Os dados compilados, na Tabela 3, indicam que o inglês foi a língua predominante ($n = 78$), seguida pelo alemão ($n = 27$) e, então, pelo português ($n = 25$).

Tabela 3 – Distribuição de Idiomas das Referências Bibliográficas das Fontes Analisadas nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1949)

Idioma	Frequência	%
Inglês	78	48,44
Alemão	27	16,77
Português	25	15,53
Espanhol	17	10,56
Francês	9	5,59
Italiano	5	3,11
Total	161	100,0

O predomínio do inglês pode ser compreendido a partir de certa mudança nas referências das obras utilizadas pelos cientistas brasileiros, na década de 1940 (Carvalho et

al., 2017). Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, houve uma diminuição do acesso à bibliografia europeia, acarretando um crescimento da influência estadunidense, no Brasil. O aumento dessa influência levou a uma maior aproximação entre as instituições psiquiátricas do Brasil e as daquele país, materializadas pela oferta de bolsas de estudos, nas instituições dos EUA. Ao retornarem de seus estudos, naquele país, os profissionais compartilharam, com as instituições brasileiras, aquilo que estudaram e a forma como as instituições estadunidenses se organizavam. Nas fontes, lemos:

“Tendo o Dr. Cecil Charles Burlingame, diretor do Instituto Neuropsiquiátrico de Hartford (Connecticut, EUA), oferecido ao Professor Pacheco e Silva uma bolsa de estudos para um de seus assistentes, coube-nos recebê-la ...nos levaram a Hartford, a fim de aperfeiçoar conhecimentos aqui adquiridos com aquele Mestre e com Paulino Longo, eminente catedrático da Escola Paulista de Medicina” (Novais, 1947, p.167)

Percebe-se, portanto, que havia um interesse dos médicos brasileiros por novos conhecimentos e práticas já desenvolvidas nas instituições estadunidenses, o que facilitou o contato com a língua inglesa.

Apesar do deslocamento das referências da comunidade psiquiátrica, da Europa para os EUA, muitos médicos ainda buscavam, na Europa, novas técnicas e conhecimentos. Um exemplo disso é o fato de as obras em alemão serem as segundas mais citadas. A presença de tal literatura sugere que uma parcela dos autores preferia a leitura das obras em seu idioma original, possivelmente devido a uma falta de tradução sobre os assuntos do campo de seu interesse. Outra hipótese provável é a existência de uma cooperação cultural-científica entre a Alemanha (Hamburgo) e o Brasil, por meio da oferta de oportunidades de aperfeiçoamento

em universidades alemãs (Sá & Silva, 2010), além da influência alemã no desenvolvimento da neurologia Brasileira, principalmente a partir da figura do médico alemão Emil Kraepelin (Facchinetti & Munõz, 2013). Um exemplo que ilustra a importância de instituições europeias no campo da neurologia pode ser visto pelo já citado Vampré. Em 1925, ele foi escolhido para representar a FMUSP, durante as comemorações do centenário de Charcot, em Paris. Posteriormente, mas ainda na mesma viagem à Europa, ele visitou a Alemanha, com a finalidade de conhecer os serviços psiquiátricos de Daldorf, Wuhlgarten, Herzberg e Brech (Canelas, 1985).

Por fim, deve-se considerar a influência da psicanálise, visto sua recorrência. Uma das referências, em alemão, reporta-se a uma das primeiras obras de Freud (1905), *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* (Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade). Em outras referências, ainda no alemão, constata-se que o tema de maior interesse dos autores foi a asma, especificamente sobre sua psicogênese e psicoterapia ligadas à psicanálise, e.g., *Analyse, Indikation und Grenze der Psychotherapie beim Bronchialasthma* (Hansen, 1927) (Análise, indicação e fronteiras da psicoterapia na asma bronquial), *Asthma und Psychotherapie* (Loewenstein, 1926) (Asma e Psicoterapia) e *Zur Psychogenität des Asthma bronchiale* (Wulff, 1913) (Sobre a psicogênese da asma bronquial). Essas obras citadas sugerem que, além de um interesse pela psicanálise, por aqueles que escreviam nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, havia um investimento – mesmo que fosse simbólico – na sua circulação, no original.

Considerações Finais

Este artigo teve por objetivo compreender conhecimentos e práticas psicológicas produzidas pela comunidade médica, em um período anterior às primeiras discussões

sistematizadas sobre a regulamentação da profissão e a formação do psicólogo, até a sua efetivação, no país. Nota-se que, dentre as fontes analisadas, houve uma prevalência do gênero masculino, o que refletia a realidade social brasileira do período, i.e., certa ausência – ou invisibilidade – das produções femininas, no campo científico. Observou-se, também, que muitos desses autores estavam ligados às instituições médicas, cujos estados se encontravam entre os primeiros a receberem Faculdades de Medicina, no país. Todavia, como a política do próprio periódico era a circulação de produções paulistas, verificou-se alta incidência de materiais de São Paulo. No que tange à vinculação institucional, viu-se uma restrita participação de autores provenientes de instituições estrangeiras. Entretanto, tal presença se fez marcante, quando observadas as referências citadas pelas fontes, especialmente o inglês e o alemão. É interessante salientar que se partiu do princípio que haveria, *a priori*, um coletivo médico partilhando certo estilo de pensamento. As fontes indicaram outra direção, i.e., elas sugeriram um padrão individual de escrita, o que pode indicar certo protagonismo individual quando da divulgação de práticas ainda não estandardizadas, naquele grupo. Notou-se, todavia, que poderia haver o estabelecimento de certos coletivos, a partir das relações intelectuais entre aqueles autores. Isso se fez ver pelas referências comuns a determinadas obras e autores, particularmente vinculados à Psicanálise.

A hipótese inicial era que a compreensão de tais aspectos auxiliaria a lançar uma luz sobre os métodos pelos quais os médicos se apropriavam de conhecimentos e práticas psicológicas e de como isso, por sua vez, contribuía para elucidar certas controvérsias entre os médicos e os psicólogos, durante o processo de regulamentação da profissão de Psicólogo, iniciado na década de 1950. Apesar das características descritas auxiliarem elas parecem se direcionar sobre aspectos que, ainda, demandam uma melhor investigação. Na circulação de

práticas e conhecimentos psicológicos, por aqueles autores, percebeu-se certa prevalência de discursos e métodos psicanalíticos. Essa vinculação à psicanálise sugere que os embates para a profissionalização da psicologia, sobretudo no que se referia à Psicologia Clínica, pode ter sido um ponto de debate entre aqueles médicos psicanalistas – portanto, clínicos – e as pessoas que produziam outras intervenções clínicas, em psicologia.

Por fim, faz-se mister considerar algumas limitações metodológicas da pesquisa. Ele se baseou em, apenas, um periódico médico brasileiro e em um certo recorte temporal. Portanto, a análise não pode ser extrapolada para todo o cenário médico ou da neuro-psiquiatria, no país, à época. Além disso, os critérios de inclusão das fontes primárias podem ter desconsiderado outros materiais que também auxiliariam a compreender as práticas e os conhecimentos psicológicos que circulavam entre o coletivo médico. Dessa maneira, novos estudos precisam ser realizados. Aponte-se, por exemplo, o aprofundamento da relação entre psicologia, psicanálise e Psicologia Clínica, no Brasil, à época. Foram identificadas, todavia, certas características que auxiliam a compreender uma produção médica que, por sua vez, contribui para a identificação de algumas controvérsias presentes quanto ao uso de conhecimentos e práticas psicológicas da regulamentação da profissão de psicólogo, no país.

Referências

- Antunes, M. A. M. (2012). Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(spe):44-65. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005>
- Antunes, M. A. M. (2014). *A Psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo, EDUC.

- Baptista, M. T. D. S. (2010). A regulamentação da profissão Psicologia: documentos que explicitam o processo histórico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(spe):170-191. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000500008>
- Canelas, H. M. (1985). Centenário de Enjolras Vampré. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 43(4): 343-346. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1985000400001>
- Carvalho, C.; Matias, C. & Marcondes, S. (2017). A divulgação da psiquiatria brasileira na imprensa (1930–1940). *Journal of Science Communication*, 16(3):1-13.
- Doyle, I. (1946). O fator psicológico na asma brônquica. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 4(3): 239-259. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1946000300002>
- Dr. Enjolras Vampré. (18 maio, 1938). *Correio Paulistano*, p.3.
- Facchinetti, C. & Muñoz, P. F. N. (2013). Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 20(1):239-262. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702013000100013>
- Fausto, B. (2015). *História concisa do Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- Fleck, L. (1979). *Genese and development of a scientific fact*. Chicago, The University of Chicago press. (Obra original publicada em 1935)
- Fleck, L. (2010). *Gênese e desenvolvimento de um fato Científico*. Belo Horizonte, Fabrefactum. (Tradução do original em língua alemã)
- Green, C. D. (2016). A digital future for the history of psychology? *History of Psychology*, 19(3):209-219.
- Jacó-Vilela, A. M. (org). (2011). *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro, Imago.

- Jacó-Vilela, A. M. (2012). História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. *Psicologia: Ciência e Profissão* 32(spe):28-43. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500004>
- Klappenbach, H. (2009). Estudio bibliométrico de la Revista de Psicología de la Universidad Nacional de La Plata: 1964-1983. *Revista de Psicología (La Plata)*, (10):13-65.
- Krapf, E. E. (1947). Contribuição psicanalítica ao problema do tratamento cirúrgico da hipertensão arterial. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 5(3):249-257. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1947000300004>
- Lei n. 4.119, de 27 de agosto de 1962 (1962, 10 de setembro). Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo.
- Lhullier, C. & Massimi, M. (2007). Psicologia nas teses da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. In: Gomes, W. B. (org), *Psicologia no estado do Rio Grande do Sul* (p. 25-55). Porto Alegre, Museu Virtual da Psicologia.
- Machado, M. H. (org) (1997). *Os médicos no Brasil: um retrato da realidade*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ.
- Maluf, M. R. (2012). Sociedad Interamericana de Psicología: historia, trayectoria y proyectos. *Revista de Psicología (Lima)*, 30(1):215-220.
- Marcondes, D. (1947). Sobre a psicogênese do “mal do engasgo”. *Arquivos de Neuro-psiquiatria*, 5(2):125-134. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1947000200002>
- Massimi, M. (1993). O ensino de Psicologia no século XIX na cidade do Rio de Janeiro. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 4:64-80. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1993000100007>

- Massimi, M. (1994). Considerações gerais sobre psicologia e história. *Temas em Psicologia*, 2(3):19-26.
- Massimi, M.; Campos, R. H. F. & Brožek, J. (2008). Historiografia da Psicologia: Métodos. In: Freitas, R. H., (org). *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino* (p. 21-48). Rio de Janeiro, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Mota, A. M. G. F. & Miranda, R. L. (2017). Desvelando estilos de pensamento – ‘Diagnósticos’ nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica (1949 – 1968). In: Duarte, A. O. S. A.; Cassemiro, M. F. P.; Campos, R. H. F. (orgs). *Psicologia, educação e o debate ambiental: Questões históricas e contemporâneas* (p. 277-288). Belo Horizonte, CDPAH.
- Mota, A. M. G. F., Castro, E. A. & Miranda, R. L. (2016). “Problemas de ajustamento” e “saúde mental”: controvérsias em torno de um objeto psicológico. In: Almeida, L. P. (org). *Políticas públicas, cultura e produções sociais* (p. 51-69). Campo Grande, UCDB.
- Novais, A. C. (1947). Aspectos práticos da psiquiatria norte-americana. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 5(2):167-180.
- Pereira, F. M. & Pereira Neto, A. (2003). O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicologia em Estudo*, 8(2):19-27.
- Piccinini, W. J. (2004). História da Psiquiatria. A casa da Lapinha e outras histórias, *Psychiatry on line Brasil*, 9(10).
- Pires, N. (1947). Reações exopsicógenas. Reações psicógenas em terreno alterado. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 5(4):370-390. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1947000400003>

- Pires, N.; Pinho, A. R.; Alakija, G. & Nery, G. (1949). Psicoses de involução. Estudo clínico de 50 casos, com vistas ao prognóstico e terapêutica. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 7(2):179-210. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1949000200006>
- Rezende, JM. (2009). Mal de engasgo e doença de Chagas: a solução de um quebra-cabeças. In: *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* (p. 307-324). São Paulo, Editora Unifesp.
- Rocha, N. M. D.; Tranquilli, A. G. & Lepikson, B. B. (2004). A Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX: A Preocupação com Aspectos de Saúde Mental. *Gazeta Médica da Bahia*. 74(2):103-126.
- Rudá, C.; Coutinho, D. & Almeida-Filho, N. (2015). Formação em psicologia no Brasil: o período do currículo mínimo (1962-2004). *Memorandum*, 29:59-85.
- Russo, J. A. (2006). O movimento psicanalítico brasileiro. In: A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira; F. T. Portugal (orgs), *História da Psicologia: rumos e percursos* (p. 413- 424). Rio de Janeiro, Nau Editora.
- Sá, M. R. & Silva, A. F. C. (2010). La revista médica de Hamburgo y la revista médica germano-ibero-americana: diseminación de la medicina germánica en España y América Latina (1920-1933). *Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*. LXII(1):7-34.
- Spina-França (2002). Os sessenta anos de Arquivos de Neuro-psiquiatria. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 60(4): 1061-1062. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X2002000600041>
- Tolosa, A.; Longo, P. (1943). Apresentação. *Arquivos de Neuro-psiquiatria*, 1(1):7-8. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1943000100002>

Uchoa, D. M. (1949). Sôbre as contribuições da psicanálise para a educação e profilaxia mental. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 7(2):165-178. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1949000200005>

Vampré, E. (1919). *Contribuição ao Estudo do Mal de Engasgo*. São Paulo: Serviço Sanitário do Estado de São Paulo.

Vampré, E. (1943). In memoriam. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 1(1):3-5. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1943000100001>

Data de submissão: 24/05/2018

Última revisão: 12/11/2018

Data de aprovação: 13/12/2018